

ÉPOCA DA LANTERNA & SÃO JOÃO

*Reflexões
sobre a época,
orientações e
sugestões para
atividades junto
às crianças da
educação
infantil*



REFLEXÕES PARA ESTA ÉPOCA

Lanterna

A Festa da Lanterna faz parte do calendário escolar das Escolas Waldorf por todo o mundo. Ela constitui uma época vivenciada pelas crianças, assim como a Época do Carnaval, Páscoa, São João, Primavera e o Natal. Por meio dessas épocas, as crianças vivenciam o grande ritmo das estações. E nós adultos, ao vivenciá-las com consciência, apoiamos as crianças nesse pulsar do mundo, onde os valores experimentados através das festas podem ser interiorizados nas crianças de forma inconsciente, através dos símbolos e imagens. São sementes que no futuro germinam como positivas forças sociais.

E a Festa da Lanterna ocorre na época em que o frio está chegando. No hemisfério norte ela acontece em novembro, na noite de São Martinho. Aqui vivenciamos a época de São João também. O frio no ambiente exterior nos leva a um calor interior proporcionado por este estado de recolhimento onde nos voltamos para aspectos mais profundos de nosso ser.

E assim a Menina da Lanterna busca sua luz interior. E através da história, que se torna uma peça apresentada pelos pais, vamos observando a caminhada evolutiva do ser humano. Seus personagens representam características que o ser humano tem de superar para trazer sua luz espiritual para dentro de si.



As crianças não precisam compreender racionalmente o significado da comemoração, lhes cabe apenas sentir a quietude que a natureza traz e ao mesmo tempo vivenciar, inconscientemente e livre de conceitos, a magia desse momento, através de músicas, contos e atividades típicas. Quanto menor a criança, mais sutis deverão ser os gestos de pais e professores, despertando suavemente aquilo que vive em estado latente na alma.

Passamos por momentos difíceis na vida, em que nos sentimos desorientados e sem rumo, e tais momentos são simbolizados na história quando a luz da lanterna da menina é apagada pelo vento. Assim, ela precisa começar um caminho de autodesenvolvimento, para reencontrar a luz de sua lanterna.



Assim, caminhando ela encontra os animais que representam nossos instintos inferiores que precisam ser superados. Todos se negam a ajudá-la e ela adormece. No sonho ela recebe a ajuda das estrelas, que lhe indicam o caminho do Sol. É o Sol que poderá ajudá-la. Ao seguir nesse caminho ela se depara com as três partes que compõem o ser humano – o pensar, o querer e o sentir, representados respectivamente pela fiandeira, que tece o fio do pensamento, o sapateiro, que com sua vontade e ação faz sapatos que nos mantém com os pés no chão, e a criança com a bola, que experencia o mundo com seus sentimentos.

A menina da lanterna tem seu pedido de ajuda negado pelos três e, já bem desanimada, adormece num sono profundo.

Quando desperta para o mundo físico ela encontra sua luz, e na volta ilumina o caminho daqueles que precisam e que lhe tinham negado ajuda, num gesto de doação e desprendimento, com o amadurecimento do seu sentir, querer e pensar.

Ao reencontrar os animais e ajudá-los, também reconhece seus instintos e domina seu mundo interior.

As crianças vão vivenciando este conteúdo todos os anos, o que lhe traz importantes ensinamentos para a vida, que agora são inconscientes, mas no futuro serão praticados por estes adultos que tiveram a oportunidade de reverenciá-los na infância.



“
Eu vou com a minha lanterna
E ela comigo vai
No céu brilham estrelas
Na terra brilhamos nós

A luz se apagou
Pra casa eu vou
Com a minha lanterna na mão

Eu vou com a minha lanterna
E ela comigo vai ”



“
Minha luz vou levando
Sempre dela cuidando
Se alguém precisar
Dela posso lhe dar ”



Diálogo com a Menina da Lanterna

Professora Cristiane Santana

*Esses dias menininha,
Com ventos fortes soprando
Está difícil trilhar
Com minha lanterna brilhando*

*Como você menininha
Vou buscar, vou persistir
Nova chama, encontrar
Minha lanterna há de luzir*

*Luz do Alto, luz dos céus
Que aquece, ilumina
E retira todo véu.*

*Me ajuda a seguir
Minha mente quero expandir
O caminho do amor quero aderir
E dar luz a quem pedir*



São João

Nesta época na superfície da terra reina a quietude, as plantas recolheram-se com suas sementes para debaixo da terra, o sol está baixo e o ar está ligeiramente frio.

Na época de São João, aqui no hemisfério sul, a Terra faz a sua grande interiorização. Envolvidos pelo espírito joanino, podemos nos concentrar em nosso mundo interior para fazer um balanço, "queimar" aquilo que não nos serve mais e abrir espaço para a luz que torna a vida plena e repleta do amor pelo próximo.

Em todos os aspectos da pedagogia Waldorf os ritmos da natureza sempre ditam as nuances das atividades. Por isso, convidamos você a fazer uma reflexão observando as características da natureza dessa época.

O importante dessa observação toda é tomarmos consciência das características do nosso meio ambiente e, assim, reconhecendo os processos climáticos que manifestam os elementos que formam o organismo da Terra e faz parte de nós.



*A*qui

*Na noite antiga de garoa e frio fino,
Subiam balões de luz
Em honra do primo de Jesus,
São João Menino.*

*E, em nosso coração,
Cada balão,
Subindo rápido e em linha reta,
Era o próprio João Menino
Se transformando em João Profeta.*

*Era o profeta
Que parecia o clarão da madrugada,
Antecedendo a chegada
Do grande sol nascente, da maior luz:
O Cristo Jesus.*

Ruth Salles

VIVENCIANDO

COM AS CRIANÇAS

Brincadeiras e vivências

- ♥ Piqueniques na varanda ou no jardim
- ♥ Pula corda
- ♥ Amarelinha
- ♥ Pescaria (confeccionar*)
- ♥ Pedra, papel e tesoura
- ♥ Cabanas

Atividades manuais

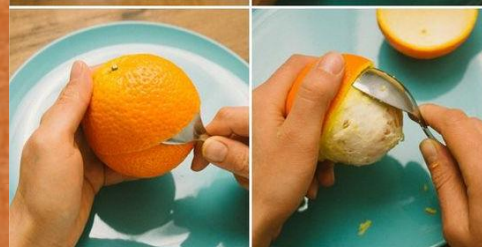
- ♥ Confeccionar lanternas para as crianças e para o ambiente

São tantos modelos, com materiais bem diversos, que fica difícil selecionar para este caderno. As mais tradicionais são as de papel – vários formatos e recortes –, lata e cabaça (decoradas com furinhos). Mas há também de macramê, cortiça, bambu... É buscar inspiração nos materiais que tiver em casa e usar a criatividade. Para o ambiente, ao lado uma sugestão aromática e bonita.

- ♥ Confeccionar balões de São João
- ♥ Confeccionar um brinquedo junino: jogo das argolas, tomba latas, pescaria*

(*com peixes de papel, cliques, uma caixa com areia e uma varinha.)

...



- ♥ Montar uma mesa de época
- ♥ Confeccionar uma "capelinha de melão"
- ♥ Confeccionar **bandeirinhas** de São João

Em tecido*, em papel de seda, papel pintado, juta... Também é usar o que tem disponível e mãos à obra. Sugerimos não utilizarem plástico.

*Veja o tutorial na página seguinte





Tutorial Bandeirinhas de Tecido

O que você vai precisar:

- Tecidos de chitão – ou outros estampados. Sugestão de 50 cm para cada estampa - 6 estampas diferentes
- Cola branca ou cola para tecido
- Tesoura
- Fita (fítilho, barbante, fita de cetim)
- Caneta

Como fazer:

Passo 1: Recorte um molde de bandeirinha.

Passo 2: Risque o tecido (do lado avesso) seguindo o molde.

Passo 3: Risque novamente o tecido seguindo a base da bandeira conforme a figura.

Passo 4: Recorte o tecido.

Passo 5: Passe cola no centro.

Passo 6: cole a fita (deixe sobrando 1,5m da ponta para fora para prender depois na parede).

Passo 7: Passe cola em cima da fita e no contorno do tecido.

Passo 8: Feche o tecido juntando as pontas.

Passo 9: Repita os passos usando outra estampa. Deixe um espaço de 4 cm entre cada bandeira.

Fonte: praseinspirar.com.br/faca-você-mesma-bandeirinhas-de-sao-joao





Culinária

- ♥ Bolo de milho
- ♥ Bolo de macaxeira
- ♥ Bolo de batata doce
- ♥ Pipoca
- ♥ Canjica
- ♥ Chás

O milho é planta de crescimento vertical que, como todo cereal, apresenta relações muito fortes com as forças de expansão. O fruto (espiga) se forma na parte medial da planta, na altura das folhas, abaixo do processo floral, indicando uma forte relação com todo o meio etérico, sendo muito rico em energia, ou seja, calor para o metabolismo e os membros.

**Gudrun Kröekel Burkhard,
Novos caminhos de alimentação**

BOLO DE MILHO VERDE

- 150g de manteiga
- 1 xícara de açúcar
- 3 ovos
- 1 copo de leite de coco
- 1 copo de milho verde cozido
- 1 xícara de farinha de trigo integral
- 1 xícara de fubá
- 1 pitada de sal

Modo de fazer:

Bata a manteiga com o açúcar. Junte as gemas, depois o leite de coco e o milho e bata tudo no liquidificador. Vá acrescentando depois a farinha de trigo, o fubá, o sal e, no fim, as claras batidas em neve. Asse em forma redonda de pudim no forno baixo durante 30 a 40 minutos (furar com um palito até que ele saia seco). Não leva fermento. A massa fica meio líquida.

BOLO DE BATATA DOCE

- ½ kg de batata doce cozida
- 2 xícaras de leite de coco fresco
- 4 colheres de manteiga
- 6 ovos
- 2 xícaras de açúcar
- 2 xícaras de farinha de trigo
- 1 pires de queijo ralado

Modo de fazer:

Liquidifique a batata cozida com o leite de coco. Retire do liquidificador e, à parte, bata a manteiga com os ovos e o açúcar até ficar um creme. Misture tudo delicadamente acrescentando a farinha de trigo. Coloque em forma untada e polvilhada e leve ao forno em médio. OBS: cozinhe a batata com uma pitada de sal e outra de açúcar.

BOLO DE MACAXEIRA

- 1 kg de macaxeira descascada
- 3 xícaras de leite de coco fresco
- 2 xícaras de farinha de trigo
- 4 ovos
- 1 coco fresco ralado
- 3 xícaras de açúcar
- 1 colher de café de sal
- 4 colheres de manteiga

Modo de fazer:

Liquidifique a macaxeira junto ao leite de coco. Adicione a farinha de trigo, os ovos, o coco ralado, o açúcar e o sal. Derreta a manteiga e misture tudo. Coloque em forma untada e polvilhada e leve ao forno pré-aquecido.



HISTÓRIAS E CONTOS



♥ Lembrete ♥

A repetição diária do conto é importantíssima para que a criança possa aproveitar plenamente o que a história tem para lhe oferecer, ajudando na compreensão do mundo e de si própria. A história é um alimento anímico para as crianças, alimentando a alma da criança, tendo grande importância para a sua formação ética e moral e também para o desenvolvimento da linguagem e da imaginação.

O narrador precisa preparar-se, com um trabalho interior, antes de contar uma história, para conseguir transmitir com profundidade, serenidade e respeito a imagem representada por ela. A história embala a época e se repete por quatro semanas o mesmo conto.

Sandra Stirbulov e Rosemeire Laviano,
A arte de educar em família





A Menina da Lanterna

Para crianças a partir dos 3 anos de idade

Era uma vez uma menina que carregava alegremente sua lanterna pelas ruas. De repente chegou o vento e com grande ímpeto apagou a lanterna da menina.

Ah! Exclamou a menina. – Quem poderá reacender a minha lanterna? Olhou para todos os lados, mas não achou ninguém. Apareceu, então, uma animal muito estranho, com espinhos nas costas, de olhos vivos, que corria e se escondia muito ligeiro pelas pedras. Era um ouriço.

Querido ouriço! Exclamou a menina, – O vento apagou a minha luz. Será que você não sabe quem poderia acender a minha lanterna? E o ouriço disse a ela que não sabia, que perguntasse a outro, pois precisava ir pra casa cuidar dos filhos.

A menina continuou caminhando e encontrou-se com um urso, que caminhava lentamente. Ele tinha uma cabeça enorme e um corpo pesado e desajeitado, e grunhia e resmungava.

Querido urso, falou a menina, – O vento apagou a minha luz. Será que você não sabe quem poderá acender a minha lanterna? E o urso da floresta disse a ela que não sabia, que perguntasse a outro, pois estava com sono e ia dormir e repousar.

Surgiu então uma raposa, que estava caçando na floresta e se esgueirava entre o capim. Espantada, a raposa levantou seu focinho e, farejando, descobriu-a e mandou que voltasse pra casa, porque a menina espantava os ratinhos. Com tristeza, a menina percebeu que ninguém queria ajudá-la. Sentou-se sobre uma pedra e chorou.

Neste momento surgiram estrelas que lhe disseram pra ir perguntar ao sol, pois ele com certeza poderia ajudá-la.

Depois de ouvir o conselho das estrelas, a menina criou coragem para continuar o seu caminho.

Finalmente chegou a uma casinha, dentro da qual avistou uma mulher muito velha, sentada, fiando sua roca. A menina abriu a porta e cumprimentou a velha.

- Bom dia querida vovó – disse ela

- Bom dia, respondeu à velha.

A menina perguntou se ela conhecia o caminho até o Sol e se queria ir com ela, mas a velha disse que não podia acompanhá-la porque ela fiava sem cessar e sua roca não podia parar. Mas pediu a menina que comesse alguns biscoitos e descansasse um pouco, pois o caminho era muito longo. A menina entrou na casinha e sentou-se para descansar. Pouco depois, pegou sua lanterna e continuou a caminhada.

Mais pra frente encontrou outra casinha no seu caminho, a casa do sapateiro. Ele estava consertando muitos sapatos. A menina abriu a porta e cumprimentou-o. Perguntou, então se ele conhecia o caminho até o Sol e se queria ir com ela procurá-lo. Ele disse que não podia acompanhá-la, pois tinha muitos sapatos para consertar. Deixou que ela descansasse um pouco, pois sabia que o caminho era longo. A menina entrou e sentou-se para descansar. Depois pegou sua lanterna e continuou a caminhada.

Bem longe avistou uma montanha muito alta. Com certeza, o Sol mora lá em cima – pensou a menina e pôs-se a correr, rápida como uma corsa.

No meio do caminho, encontrou uma criança que brincava com uma bola. Chamou-a para que fosse com ela até o Sol, mas a criança nem responde. Preferiu brincar com sua bola e afastou-se saltitando pelos campos.

No meio do caminho, encontrou uma criança que brincava com uma bola. Chamou-a para que fosse com ela até o Sol, mas a criança nem responde. Preferiu brincar com sua bola e afastou-se saltitando pelos campos.

Então a menina da lanterna continuou sozinha o seu caminho

Foi subindo pela encosta da montanha. Quando chegou ao topo, não encontrou o Sol.

- Vou esperar aqui até o Sol chegar – pensou a menina, e sentou-se na terra.

Como estivesse muito cansada de sua longa caminhada, seus olhos se fecharam e ela adormeceu.

O Sol já tinha avistado a menina há muito tempo. Quando chegou a noite ele desceu até a menina e acendeu a sua lanterna.

Depois que o sol voltou para o céu, a menina acordou.

- Oh! A minha lanterna está acesa! – exclamou, e com um salto pôs-se alegremente a caminho.

Na volta, reencontrou a criança da bola, que lhe disse ter perdido a bola, não conseguindo encontrá-la por causa do escuro. As duas crianças procuraram então a bola. Após encontrá-la, a criança afastou-se alegremente.

A menina da lanterna continuou seu caminho até o vale e chegou à casa do sapateiro, que estava muito triste na sua oficina.

Quando viu a menina, disse-lhe que seu fogo tinha apagado e suas mãos estavam frias, não podendo, portanto, trabalhar mais. A menina acendeu a lanterna do artesão, que agradeceu, aqueceu as mãos e pôde martelar e costurar seus sapatos.

A menina continuou lentamente a sua caminhada pela floresta e chegou ao casebre da velha. Seu quartinho estava escuro. Sua luz tinha se consumido e ela não podia mais fiar. A menina acendeu nova luz e a velha agradeceu, e logo sua roda girou, fiando, fiando sem cessar.

Depois de algum tempo, a menina chegou ao campo e todos os animais acordaram com o brilho da lanterna. A raposinha, ofuscada, farejou para descobrir de onde vinha tanta luz. O urso bocejou, grunhiu e, tropeçando desajeitado, foi atrás da menina. O ouriço, muito curioso, aproximou-se dela e perguntou de onde vinha aquele vaga-lume gigante. Assim a menina voltou feliz pra casa.



Rumpelstiltskim

Irmãos Grimm

Houve, uma vez, um moleiro que era muito pobre e tinha uma filha muito bonita. Certa vez, aconteceu-lhe falar com o rei e, para dar-se importância, disse-lhe:

- Eu tenho uma filha capaz de fiar e transformar em ouro a simples palha.

O rei, arregalando os olhos, pensou consigo mesmo: "Esse é um negócio excelente para mim!", pois ele era um poço de ambição e nada lhe chegava. Então, disse ao moleiro:

- Se tua filha é na realidade tão engenhosa como dizes, traze-a amanhã ao palácio; quero submetê-la a uma prova.

No dia seguinte, a moça foi apresentada ao rei, o qual a conduziu a uma sala cheia de palha até ao forro, tendo lá uma roca de fiar num canto.

- Senta-te aí ao pé dessa roca de fiar, - disse o rei; - já que sabes transformar a palha em ouro, põe-te a trabalhar e, se até amanhã cedo não me tiveres produzido todo esse ouro, serás condenada à morte.

Trancou a sala e foi-se embora sem mais uma palavra. A pobrezinha ficou só, na maior aflição deste mundo, pois nunca imaginara que se pudesse transformar palha em ouro e, sua aflição aumentando cada vez mais, pôs-se a chorar desconsoladamente. Nisso a porta rangeu e apareceu um gnomo muito lampeiro, dizendo:

- Boa noite, linda moleira; por quê estás chorando assim?

- Ai de mim, - soluçou ela; - o rei mandou-me transformar toda esta palha em ouro e eu não sei fazê-lo.

- Hum! - disse o gnomo sorrindo brejeiro; - que me dás se eu fiar tudo como o rei deseja?

- Oh, meu amiguinho, - respondeu ela; - dou-te o meu colar.

O gnomo tomou o colar, examinou-o detidamente, guardou-o no bolso e, em seguida, sentou-se à roca: frr, frr, frr, fazia a roda, que girou três vezes, enchendo o fuso de fios de ouro.

Para crianças a partir dos 5 anos de idade

Fez girar mais três vezes: frr, frr, frr, e este outro fuso também logo ficou cheio; e assim trabalhou até que, pela madrugada, tinha desaparecido a palha, só ficando os fusos cheios de fios de ouro.

Quando, ao nascer do sol, o rei foi à sala ver se suas ordens haviam sido cumpridas, ficou extasiado ao ver todo aquele ouro. Mas não se contentou, de coração ávido e ambicioso, desejou possuir ainda mais. Levou a moça para outra sala, ainda maior, que estava cheia de palha até ao teto e tornou a ordenar-lhe que fiasse aquilo tudo durante a noite, se tinha amor à vida.

A pobre moça não sabia para que santo apelar e desatou outra vez num choro amargurado; mas eis que novamente a porta rangeu e o gnomo tornou a aparecer, perguntando:

- Mais palha para fiar? Que me dás agora se eu fizer o mesmo trabalho de ontem?

- Dou-te este anel que trago no dedo, - disse ela, apresentando-lhe o anel.

O gnomo tomou o anel, examinou bem e depois recomeçou o zumbido da roda; ao raiar do dia, toda aquela palha estava transformada em fios de ouro puro e brilhante.

O rei, muito cedo, foi ver o trabalho e exultou de alegria vendo aquela pilha de ouro. Sua ambição, porém, era desmedida; levou a moça para uma terceira sala, maior que as outras, tão cheia de palha que só ficara um cantinho para a roca de fiar.

- Aí tens a palha que deves fiar durante esta noite; se o conseguires, casar-me-ei contigo. - "Embora seja filha de um simples moleiro, - pensava consigo mesmo o rei, - uma esposa mais rica não encontrarei no mundo todo!"

Assim que ficou só, a moça esperou que aparecesse o gnomo; este não tardou.

- Hum! Temos mais serviço hoje? O que me dás se eu te fiar toda esta palha?

- Nada mais possuo, - disse-ela tristemente; - já te dei tudo quanto tinha comigo.

- Nesse caso, promete-me que me darás teu primeiro filho quando fores rainha.

A moça pensou: "Quem sabe lá se me tornarei rainha algum dia!" E, para sair-se daquele apuro, prometeu ao gnomo tudo o que ele quis.

No mesmo instante, o gnomo se pôs a fiar e, em pouco tempo, transformou toda a palha em ouro.

Quando pela manhã bem cedo o rei chegou e viu tudo executado conforme seu desejo, ficou radiante de alegria e, cumprindo o que prometera, casou-se com a filha do moleiro, que assim se tornou rainha.

Decorrido um ano, a rainha teve um filho lindo como os amores; estava tão feliz que já não se lembrava da promessa feita ao gnomo; mas este não se esquecera, entrou no quarto da rainha e disse-lhe:

- Por três vezes ajudei-te! Agora dá-me o que me prometeste.

A rainha ficou apavorada e ofereceu-lhe todas as riquezas do reino para que lhe deixasse aquele amor de criança; mas o gnomo, implacável, disse:

- Não, não. Prefiro uma criaturinha viva a todos os tesouros do mundo.

Então a rainha desatou a chorar e a lastimar-se de causar dó. O gnomo, condoído de sua grande dor, disse-lhe:

- Está bem! Concedo-te três dias de prazo; se antes de vencer este prazo conseguires adivinhar meu nome, poderás ficar com a criança.

A rainha encheu-se de esperança; passou a noite inteira pensando em todos os nomes que conhecia ou que ouvira mencionar; além disso, expediu vários mensageiros que percorressem o reino todo e perguntassem os nomes de quantos existiam.

No dia seguinte, o gnomo apareceu e ela foi dizendo os nomes que sabia, a começar por Gaspar, Melchior, Baltazar, Benjamim, Jeremias e todos os que lhe ocorria no momento, mas a cada um, o gnomo exclamava:

- Não. Não é esse o meu nome.

No segundo dia, a rainha mandou perguntar o nome de todos os cidadãos das circunvizinhanças e repetiu ao gnomo os nomes mais incomuns e extravagantes.

- Chamas-te, acaso, Leite-de-Galinha, Costela-de-Carneiro, Unha-de-boi ou Osso-de-baleia? Mas a resposta do gnomo não variava:

- Não. Não é esse o meu nome.

No terceiro dia, chegou o mensageiro e disse-lhe:

Percorri todo o reino e não descobri nenhum nome novo. Mas, passando ao pé de uma montanha, justamente na curva onde a raposa e a lebre se dizem boa-noite, avistei uma casinha muito pequenina; diante da casinha havia uma fogueira em volta da qual estava um gnomo muito grotesco a dançar e pular com uma perna só. Estava cantando:

- Hoje faço o pão, amanhã a cerveja; a melhor é minha.

Depois de amanhã ganho o filho da rainha.

Que bom que ninguém sabe direitinho que meu nome é Rumpelstiltskim!

Podeis bem imaginar a alegria da rainha ao ouvir essa história; decorou-a e quando, pouco depois, a porta rangeu e apareceu o gnomo a perguntar:

- Então, minha Rainha, já descobriste o meu nome?

A rainha para disfarçar, começou por dizer:

- Chamas-te Conrado?

- Não.

- Chamas-te Henrique?

- Não.

- Não te chamas, por acaso, Rumpelstiltskim?

Ao ouvir seu nome, o gnomo ficou assombrado; depois teve um acesso de cólera e berrou:

- Foi o diabo quem te contou; foi o diabo quem te contou!

E bateu o pé no chão com tanta força que rompeu o assoalho e afundou até à cintura. Ele, então, desesperado, agarrou o pé esquerdo com as duas mãos e puxou tanto que acabou rasgando-se ao meio.

Desde esse dia, a rainha viveu tranquilamente com o seu filhinho.

História da Juliana

Para crianças a partir dos 3 anos de idade

Silvia Jensen

Era uma vez uma menina chamada Juliana. Ela morava com seu pai e sua mãe numa casinha perto da floresta. Juliana tinha muitos amiguinhos e muitos brinquedos.

O seu brinquedo preferido era um lindo balão azul. Ela o levava para o quintal e jogava o balão para cima e ele caía para baixo; jogava para cima e ele caía para baixo.

Mas certo dia veio o vento sul, que havia comido muito e por isso estava muito forte e levou o balão da Juliana lá para cima, no céu.

Enquanto o balãozinho subia, os passarinhos cantavam:

"Sobe, sobe, balãozinho

Balãozinho multicolor

Vai ser mais uma estrelinha

A alegrar Nosso Senhor"

E Juliana viu seu balão subindo, subindo, e este balão tinha um brilho especial que irradiava do coração de Juliana. Todas as noites ela olhava pela janela do seu quarto e o balão piscava lá no céu. No fundo do seu coração, Juliana sentia saudades do seu balão azul.

Certo dia, ela foi passear na floresta e encontrou um anãozinho de touca vermelha que trabalhava: toc, toc, toc! Juliana chegou perto dele e perguntou:

- Anãozinho, você acha que meu lindo balão azul vai voltar um dia?

- Ah, espere a noite mais longa do ano chegar, e ela lhe trará uma surpresa!

Juliana correu para casa e perguntou à sua mãe, quando seria a noite mais longa do ano. E sua mãe respondeu:

- Espere os dias ficarem mais frios, as noites mais longas e o céu mais estrelado, e quando os anõezinhos acenderem sua fogueira lá montanha, esta então será a noite mais longa do ano, a noite de São João.

Juliana olhava todas as noites pela janela para ver se os anõezinhos haviam acendido a grande fogueira, e nada acontecia.

Certa manhã Juliana acordou sentindo muito frio, vestiu casaco de lã, meia, luva, gorro e quando a noite chegou, o céu estava todo estrelado e lá longe ela avistou uma pequena chama, lá na montanha dos anõezinhos. Ela apurou bem seus ouvidos e escutou:

"Sobem as chamas, sobem as chamas
Mais alto, mais alto,
Iluminam e alegam
Nossas vidas nossas almas"

E lá do alto do céu ela viu algo brilhante descendo, e os passarinhos cantavam:

"Cai, cai balão, cai, cai, balão,
Na rua do sabão.

Não cai-não, não cai-não, não cai não,
Cai na mão da Juliana"

Juliana levantou suas mãos para cima e o balão caiu em suas mãozinhas. Dentro dele havia um pozinho brilhante, era o pozinho das estrelas, e quem nele tocasse ficaria conhecendo a alegria de nosso Senhor.

E Juliana, muito bondosa, deu um pouquinho do pozinho para seus amiguinhos, para os anõezinhos e para todos os bichinhos que estavam ao seu redor.



MÚSICAS PARA A ÉPOCA

Festa da Lanterna ✨

1 Minha luz vou levando,
Sempre dela cuidando,
Se alguém precisar,
Dela posso lhe dar.

2 O meu caminho, é cheio de luz,
Poís minha lanterna brilha e reluz,
O seu caminho vou iluminar,
E bem juntinhos vamos caminhar.

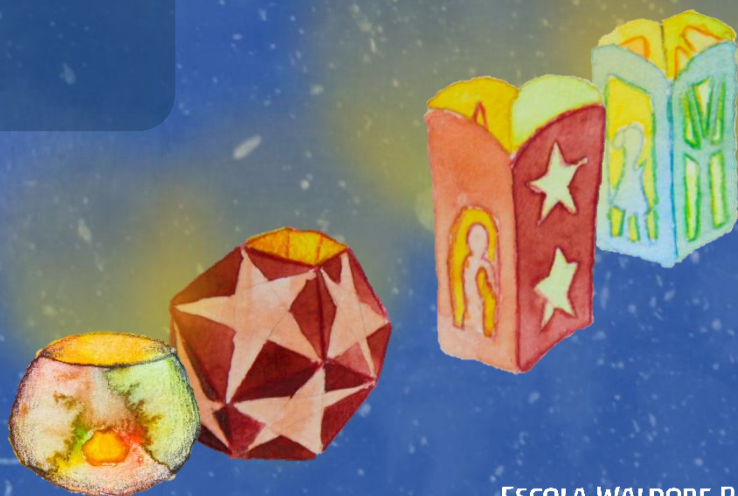
3 Lanterna, lanterna, sol, lua, estrelinha,
O ventinho vai, o ventinho vem,
Mas não apaga a lanterna de ninguém.

4 Sobe a chama, sobe a chama,
Mais alto, mais alto,
Ilumina, ilumina
Nossas casas, nossas almas.

5 No céu as estrelinhas,
Na terra os lampiões,
Parecem fogueirinhas
Fogueirinhas e balões.

6 Eu vou com a minha lanterna,
E ela comigo vai,
No céu brilham estrelas,
Na terra brilhamos nós.
A luz se apagou, pra casa eu vou,
Com a minha lanterna na mão,

7 Estrelinha brilha,
muito mais que o dia,
Poís o nobre sol já não pode mais brilhar,
Vem chegando à noite,
e o meu lampião,
Todo iluminado clareando a escuridão,
Estrelinha brilha,
vem iluminar,
Pedras preciosas que os anões vão
encontrar



Canções Juninas ✨ ✨ ✨

Madeira sobre madeira
Faremos uma fogueira
No céu brilham estrelas
Na terra brilham fogueiras
São João, fogueira de São João
E toda a terra brilha na noite de São João.

O balão vai subindo
Vai caindo a garoa
O céu é tão lindo
E a noite é tão boa
São João, São João
Acende a fogueira do meu coração

Capelinha de melão
É de São João
É de cravo, é de rosa, é de manjeriço
São João está dormindo
Não acorda não
Acordai, acordai, acordai, João

Chegou a hora da fogueira
É noite de São João
O céu fica todo iluminado,
fica todo estrelado, pintadinho de balão
Pensando na cabocla a noite inteira,
também fiz uma fogueira dentro do meu coração
Quando eu era pequenino, de pé no chão,
eu cortava papel fino pra fazer balão
e o balão ia subindo pelo azul da imensidão.



Canções Juninas ✨ ✨ ✨

São João Menino

*Na água doce dos rios
Feliz ele se banhou
Nas pedras e cachoeiras
O pastorinha brincou*

*Tangendo seus carneirinhos
Por detrás da lua passou
De longe São Joãozinho menino
Tão risonho me acenou*

*A lua nem é de Jorge
Brigando com seu dragão
Ela brinca nos cabelos
Do menininho João*

*Que toca pro seu rebanho
Numa tarde do sertão
Menino por toda vida
Esquecido no Jordão*

Louvação

*Meu São João
Meu São João
Hoje será tua festa
Saudemos tua bandeira*

*São João mandou
São João mandou
Cantar, dançar noite inteira
Para louvar a fogueira*

*Músicas de Antônio Madureira,
Ronaldo Brito e Assis Lima, da obra
"Bandeira de São João"*





INTERPRETAÇÃO DA HISTÓRIA DA MENINA DA LANTERNA *Para adultos*

A história da menina da lanterna nos fala do despertar da luz interior. Trata-se de uma imaginação bem apropriada à nossa época, ou em seus acontecimentos, à toda hora nos exorta: acordem! "Pois apenas saber das coisas que acontecem no mundo sensorial e das leis que o intelecto consegue compreender como existentes no mundo exterior, isso, num sentido mais elevado, significa dormir. A humanidade só está plenamente desperta quando também consegue desenvolver conceitos e ideias sobre aquele mundo espiritual que está ao nosso redor como o ar, a água, as estrelas, o sol, e a lua". (Rudolf Steiner)

Essa história conta sobre uma menina que alegremente passeava com a sua lanterna, quando o vento, com grande ímpeto, apagou sua luz.

Em tempos difíceis como os nossos, às vezes nos sentimos sós, desamparados, impotentes, perante os problemas que nos atingem e nos parecem insolúveis. Os ventos e tempestades da vida parecem apagar a chama da fé, nos deixando duvidosos em relação ao significado e motivo dos acontecimentos que nos cercam. Então, com nossa luz apagada, como reacendê-la?

Em nossa época, em que a revelação de Cristo acontece pelo encontro com o mal, é importante que entendamos que somente quando o homem se voltar para o mundo espiritual, com consciência da liberdade individual, sem apenas contar com os meios oferecidos pela atual civilização materialista, é que conseguirão dominar os problemas vindouros, sempre com a ajuda e participação de seres espirituais.

Depois da revelação das estrelas, a menina da lanterna percebe que pode reacender a sua luz, com a ajuda do sol. Nessa época em que nos lembramos de São João, o Batista, é como se

ouvíssemos sua voz ecoando das estrelas, exclamando: "Mudai vosso pensamento, pois o reino dos céus está próximo". Hoje a ciência espiritual nos indica o Grande Espírito solar do Cristo, que quer acender, na lanterna do nosso coração, a luz que pode guiar nossos passos na luz escura da alma.

Assim como a menina da lanterna, devemos então mudar de pensamento, de atitude e nos colocarmos a caminho da montanha mais alta do interior de nossa alma, elevando nosso pensar, alimentando-o com conteúdos espirituais verdadeiros, sublimando nossos sentimentos e enobrecendo nosso querer, só então poderemos ter nossa luz acesa novamente no calor das forças solares do Cristo.

É preciso então, não somente acender a consciência espiritualmente, mas também mantê-la acesa. Afinal, é por meio da nossa consciência espiritualmente desperta, que damos oportunidade do mundo espiritual, através de nós, atuar na espiritualização da terra.

Na história, notamos que a menina não recebe a ajuda de ninguém. Todos estão muito ocupados para ajudá-la, pois o esforço deve ser individual. Ninguém pode fazê-lo por nós. Mesmo assim, uma vez conquistado e mantido ele se reverte em bem para todos. Como acontece com a menina ao descer da montanha, aquecendo e iluminando. Para vencer o mal, precisamos vencê-lo dentro de nós primeiro.

Quando o ser humano se esforça a transformar suas dificuldades e se dispõe a trilhar o caminho do autoconhecimento e aperfeiçoamento, ele começa a transformar o escuro em luminoso, o feio em bonito e o mal em bem.



JOÃO – UMA ADVERTÊNCIA À NOSSA CONSCIÊNCIA

Evelyn Scheven para o blog da Escola Waldorf Miguel Arcanjo - MG

Precisamente meio ano antes do evento do Natal, nasce num certo país, uma criança cujos pais já eram muito velhos. Conta-se que os clarividentes da época, pouco tempo após o nascimento, observaram que se tratava de uma criança muito especial e que, como que por hereditariedade, trazia consigo toda a experiência de seus velhos pais.

Por ser sacerdote, seu pai dava-lhe uma educação muito rígida e cheia de sabedoria, o que fazia refletir a sua própria maneira de agir: conta-se que, entre muitas outras coisas, era um ser pensativo, melancólico, que brincava pouco e que tinha uma inteligência bem acima da média de sua idade. Aos dez anos, já participava das discussões e debates dos sacerdotes. Esta criança se chamava João e nasceu no dia 24 de junho.

Em 24 de dezembro daquele mesmo ano, nasce uma outra criança cujos pais eram muito simples (seu pai era marceneiro). Conta-se que, ao contrário da primeira, esta criança teve uma educação muito simples e que era muito criativa e gostava muito de brincar. Sua educação nada tinha do conteúdo iniciático dos sacerdotes.

Estas duas crianças, durante sua infância, mantiveram muito contato entre si. Cresceram juntas e uma delas seguiu a profissão do pai, mas logo se revela a vontade de ajudar o próximo, de entendê-lo, desperta-se-lhe a criatividade de querer transformar o mundo.

A outra consolida cada vez mais as suas características da infância e, ao tornar-se adulta, afasta-se da sociedade para pensar e meditar. Retirando-se para o deserto, concentra-se em si mesma com o objetivo de entender em que ponto chegou a humanidade no seu caminho evolutivo. Percebe então que, na sua caminhada, a humanidade alcança um "beco sem saída". Na meditação adquire a profunda consciência do mundo de sua época.

Ele não procura as pessoas. Elas é que vinham a ele para serem batizadas e dele receberem ensinamentos. Orientava as pessoas para que mudassem o sentido de suas vidas, já que a velha maneira de viver e pensar não mais levaria a humanidade ao futuro.

Sua consciência em compreender o passado era também capaz de olhar o futuro e de perceber no seu companheiro de infância não só um homem com consciência, mas também com uma criativa força de transformação.

Assim João, a última é mais digna criatura da velha humanidade, que se dizia descendente de Adão, reconhece o primeiro homem do novo mundo e que este também podia falar de si, que nasceu de Deus.

João, conscientemente une no Batismo do Rio Jordão o velho ao novo mundo. Pouco tempo depois vai para o sacrifício do monte onde é condenado e decapitado por Herodes.

Assim, como o 24 de dezembro e o 24 de junho se encontram em polaridade no transcorrer do ano, estas duas criaturas Jesus e João encontram-se em polaridade na história da humanidade. Um reúne em si a força criativa da luz do Sol; o outro tem, através da consciência, a força reflexiva da Lua.

Quando o homem moderno inicia o ano, em 24 de dezembro, e, no decorrer deste, passando pela Páscoa e Pentecostes, chega a 24 de junho, aniversário de João Batista, é levado a compreender neste polaridade com o Natal, com toda a sua consciência, o acontecimento de Cristo. Como sinal do despertar dessa consciência, podemos entender o acender de fogueiras na escuridão da noite de aniversário de João Batista.



TEMPO LIVRE E SILÊNCIO: O PODER DO ÓCIO NA VIDA DAS CRIANÇAS

A importância de saber não fazer nada em uma sociedade que cada vez mais exige que façamos tudo. O tempo todo.

Por Renata Penzani para o Portal Lunetas, out.2016

“De uma perspectiva criativa, uma das coisas mais importantes que podemos dar a uma criança é o nada”.

Este depoimento pode parecer estranho à primeira vista, mas você não leu errado: o nada é o melhor presente. Ele aparece em “O Começo da Vida”, documentário de Estela Renner sobre as diferentes formas de cuidar do período que chamamos de primeira infância, vai desde a gestação até os cinco anos. É o relato de um pai sobre o que costuma fazer com seus filhos: permitir que inventem algo com o que estiver ao redor. Mas afinal, o que isso quer dizer?

Por mais paradoxal que possa parecer, o nada é muita coisa. É o ócio, o tempo livre, o vazio, o silêncio.

E é sobre ele que vamos falar nesta matéria.

‘Quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo’

Guimarães Rosa diz isso no livro “Grande Sertão: Veredas”, e faz pensar sobre o valor do ‘nada’ como elemento de contemplação e entendimento do mundo.

Assim como os adultos, as crianças também recebem cada vez mais estímulos e informações a todo momento; com isso, elas ficam expostas a situações em que devem desempenhar algum papel. Ao contrário, os momentos livres de qualquer aprendizado ou finalidade são cada vez mais raros.

Ao apresentar aos pequenos mais opções de atividades do que elas podem absorver, acabamos privando sua liberdade de ser.

No filme de Estela, quando o entrevistado diz que “a melhor coisa que podemos dar a uma criança é o nada”, ele se refere especificamente aos momentos de brincadeira. Ele explica que quando uma criança recebe um brinquedo

pronto, que anda, pula, canta e faz coisas impressionantes, ela automaticamente entende que seu papel ali é de espectadora passiva: o brinquedo faz tudo por ela. Porém, crianças têm necessidades cognitivas de descobrir, explorar e tatear com as próprias mãos aquilo que não conhecem.

Não por acaso, muitos pais relatam: ‘meu filho brinca mais com a caixa do que com o próprio presente’. E aí chegamos à questão: o que é um presente?

Ao oferecer alguma coisa às crianças, é fácil desconsiderar suas necessidades mais básicas. Mais do que encher os pequenos de mais estímulos e informações além dos que eles já recebem do mundo, por que não oferecer momentos de silêncio, experiências afetivas, memórias?

BRINCAR X CONSUMIR

Dissociar a brincadeira do consumo é mais difícil do que parece; em um sistema capitalista, o conceito de experiência está diretamente ligado ao ato de consumir.

Para Gabriela Romeu, jornalista, pesquisadora e idealizadora do projeto “Infâncias”, mais do que tentar ignorar essa realidade com a qual a criança terá contato mais cedo ou mais tarde, o importante é atribuir valores ao que consumimos para que aquilo se torne uma experiência.

“Crianças precisam só de tempo e espaço. O resto ela inventa”, defende Gabriela.

“Vivemos em uma sociedade de consumo, e consumir não é errado, desde que ele seja significado. A nossa sociedade acredita que a criança precisa do brinquedo pronto, e existe toda uma indústria em torno disso. Na verdade, o que ela precisa é de tempo e espaço: o resto ela inventa”, explica.

Para Gabriela, o consumo tira a possibilidade de a criança vivenciar a infância, já que esvazia experiências de descobertas que ela só teria caso fosse exposta a momentos de brincadeira livre, espaço e tempo de explorar o mundo, seu corpo e suas sensações por si própria.

Como ter mais tempo quando ninguém tem tempo?

O acesso ao tempo é uma discussão fundamental nessa conversa. A realidade de muitas famílias, que trabalham o dia todo para garantir o sustento dos filhos, nem sempre permite que esse 'tempo e espaço' possa ser colocado em prática.

Da mesma forma, nos ambientes de ensino, a lógica do desempenho e do aprender escolarizado não propõe esses 'espaços em branco' de que estamos falando, tão necessários para a criança ser em liberdade.

O caminho para isso é 'conquistar' o tempo, mesmo que seja um pouco por dia: pode ser um olho no olho-entre pai e filho antes de dormir, um passeio ao ar livre sem rumo certo, deitar na grama, aproveitar a companhia um do outro em silêncio.

O tempo com as crianças não precisa ser preenchido com atividades. "Fazer nada" junto também pode fortalecer os vínculos familiares.

Segundo a educadora Adriana Friedmann, diretora do Mapa da Infância Brasileira (MiB), quanto mais nos deixarmos levar pela dinâmica da produtividade a qualquer custo, mais o consumo ganha força.

"A questão do consumo, principalmente em grandes cidades, tem muito a ver com a ausência dos pais. O 'querer ter' está relacionado à falta que a criança sente", diz.

"A criança pede um brinquedo, mas o que está querendo é presença", defende.

'Nada' de presente: exemplo da literatura infantil

O assunto é tão urgente que tem até livro ilustrado infantil sobre o assunto. Para fazer uma brincadeira com a própria palavra 'nada', o livro "Nada de Presente" (editora Girafinha), conta a história de dois camaradas: o cachorro Earl e o gato Mooch, que quer dar um presente de aniversário para o seu melhor amigo. Mas o que pode querer um cachorro além de uma cama confortável, carinho dos donos e um osso

para roer? Pelo jeito, ele já tem tudo. Então, o gato resolve presentear o amigo com a única coisa que ele não tem: o nada".

"Em um mundo com tantas coisas, onde eu vou encontrar o nada?", reflete o personagem.

E aí começa a confusão. Sem saber onde encontrar o seu presente ideal, o gato começa a observar o que as pessoas dizem sobre o tal 'nada'. O dono, sempre liga a TV e reclama "não tem nada passando na TV", mas quando vai procurar, encontra muita coisa. Nada feito!

Decepcionado, ele continua procurando. Um certo dia, a dona chega em casa e diz "nada no shopping". Ele vai até lá e só encontra muitas e muitas coisas. E assim vai: uma jornada em busca do nada, mas que só esbarra em tudo.

A partir desse enredo aparentemente banal, o autor Patrick Macdonnel faz uma profunda reflexão filosófica sobre a carga de estímulos e informações que recebemos a todo instante, o que faz com que o nada seja um verdadeiro artigo de luxo. Pode ser um momento de silêncio, a tranquilidade, uma tarde livre de obrigações, uma noite estrelada, a calma de poder deixar o 'tudo' para amanhã, a companhia do melhor amigo. Coisas difíceis de conseguir na sociedade que considera tempo sinônimo de dinheiro.

Como poupar as crianças dos males do nosso tempo?

Para a professora italiana Chiara Spaggiari, o caminho é mais simples do que parece: o mínimo de interferência dos adultos para o máximo de liberdade se ser criança:

"A criança precisa ser deixada livre para observar, escolher, se aproximar e se afastar, e experimentar o mundo de diversos modos".

Em depoimento no filme "O Começo da Vida", ela explica que um adulto, quando está diante de uma criança, tende a estabelecer uma hierarquia com as crianças, levando a crer que ele é o responsável por ensinar tudo a ela.

"A criança não é um recipiente que enchemos com nossos saberes. As crianças aprendem e co-constroem o seu saber junto dos adultos", explica Chiara.

E o saber não passa só do adulto para as crianças, mas principalmente de uma criança para outra criança.

Agradecemos a todos os que
contribuíram com elaboração deste
caderno e, em especial, às famílias da
Escola Waldorf Recife, que, cada uma
a sua maneira, e mesmo distantes,
aquecem nossos corações.

Colegiado de Professores

*Que tenhamos uma feliz
época da Lanterna e
São João!*

Recife, 1º de junho de 2020.

- **Elaboração e seleção de textos:** professoras da Educação Infantil
- **Ilustrações em aquarela:** Chico Lacerda
- **Projeto gráfico, edição e revisão:** Comissão de Comunicação





ESCOLA WALDORF RECIFE 

Amor à educação e confiança na humanidade

escolawaldorfrecife.org   [escolawaldorfrecife](https://www.instagram.com/escolawaldorfrecife)